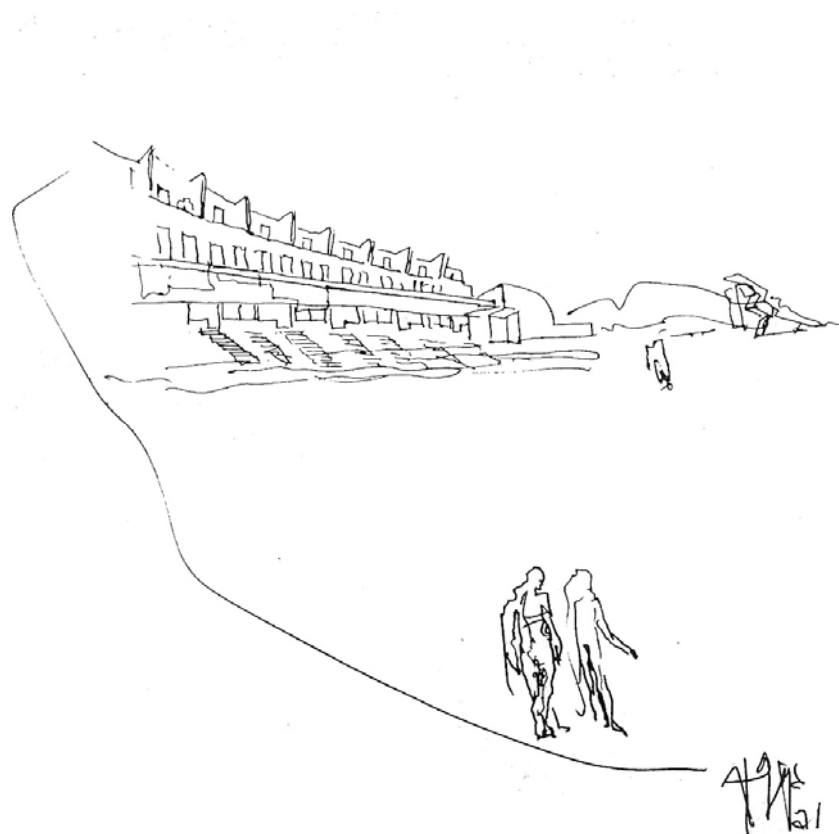


O Desenho Enquanto Ideia. 8 exemplos

O desenho enquanto ideia. 8 exemplos:

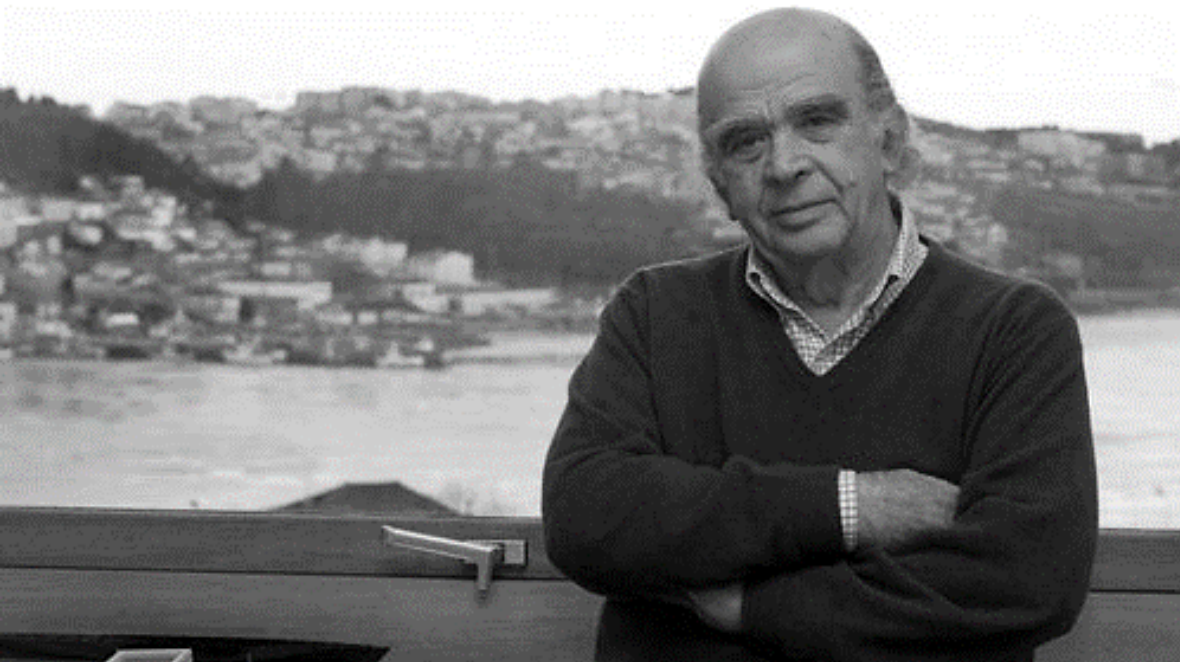


Fernando Távora
Paulo Mendes da Rocha
Álvaro Siza
Gonçalo Byrne
Peter Zumthor
Eduardo Souto de Moura
João Mendes Ribeiro
Frank Gehry

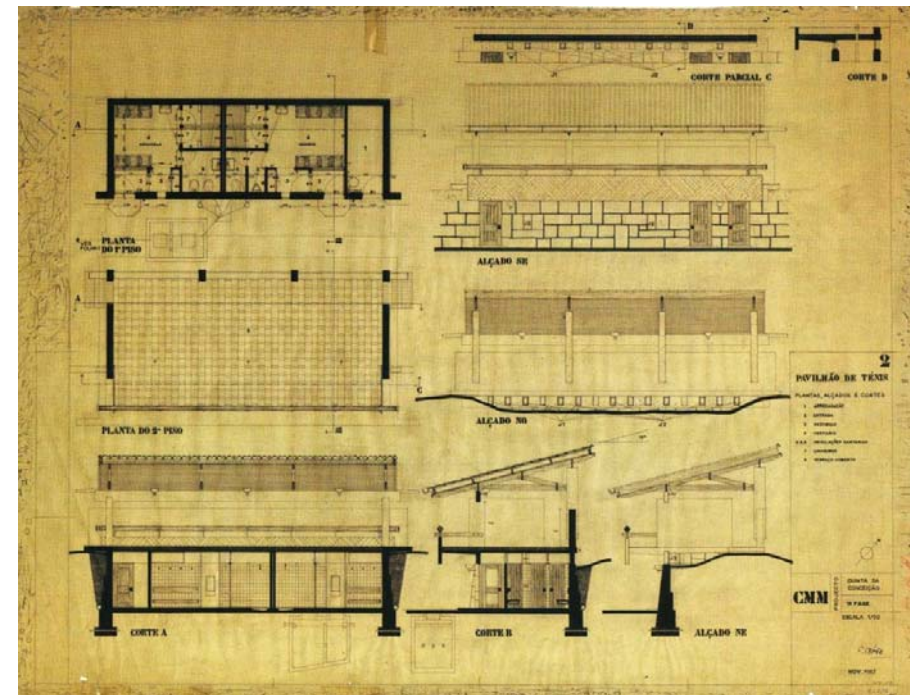
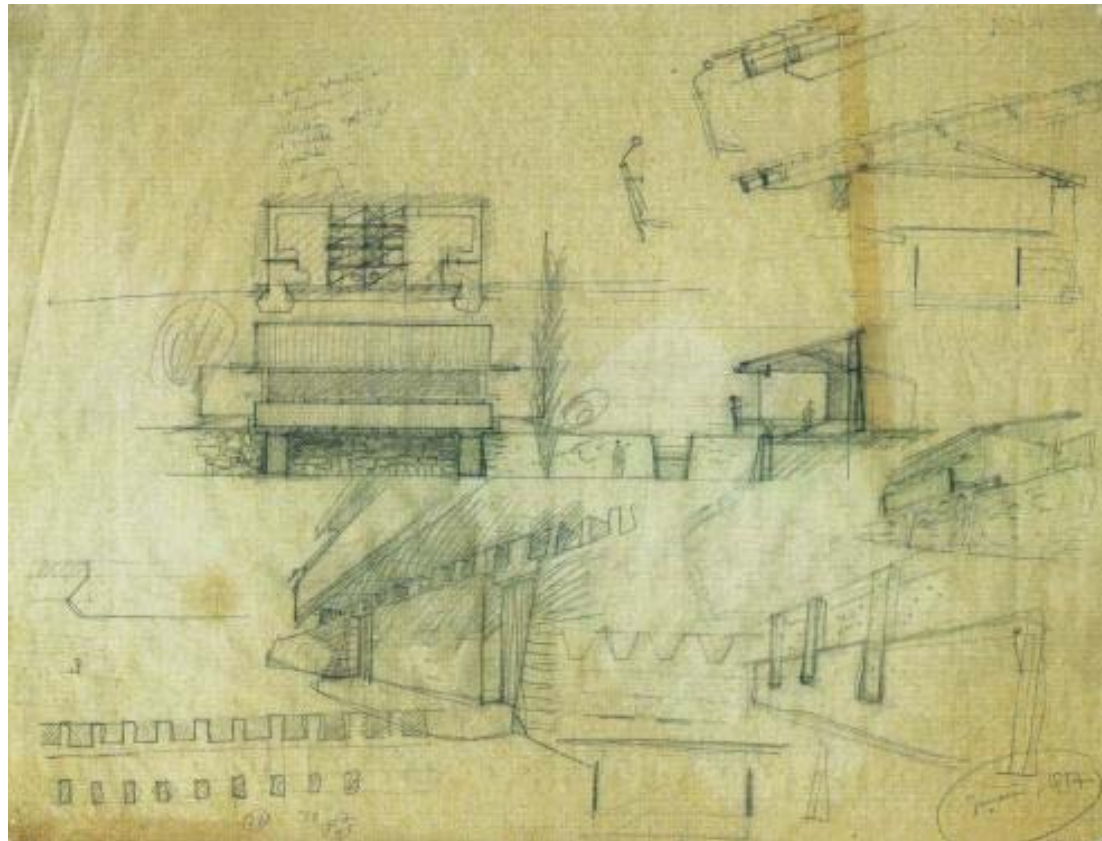
O papel do esquisso para o arquitecto

O desenho é um auxiliar do raciocínio. Desenhamos para ver melhor, senão mesmo para simplesmente ver. Trata-se de desenhar as ideias que temos, à medida que as temos, com a velocidade a que as temos, ou seja, devemos desenhar com a cadência com que pensamos. Não se trata de pensar primeiro e desenhar depois. Isto não significa que não haja um processo racional que oriente a realização dos desenhos. Não deve significar, tão-pouco, - e este é o cerne da questão - que tudo o que é inato ou espontâneo, no modo como as ideias surgem e se encadeiam, possa ser perdido por um processo lento, desarticulado, fragmentado, atomizado no tempo e nas quebras que possam existir entre os meios de expressão desenhados. Fazendo um paralelo com a escrita, que também é um modo de pensamento, sabemos que se nos preocuparmos com o desenho da caligrafia, mais do que com o conteúdo, desviamos a atenção do raciocínio, concentrando-a na manualidade. Ou seja, é a escrita rápida, fluída, espontânea, inata, que segue o raciocínio, aquela que permite organizar ideias e faz o pensamento organizar-se e aprofundar-se. Em síntese, deve vencer-se os registos tão-só ilustrativos e geralmente atomizados, como esses o são na sua própria condição de ilustrar um momento - por suspensão do tempo - e sem que derivem de explorações anteriores, nem conduzam a outras, posteriores. Não se nega a utilidade desse tipo de registos - ilustrativos -, mas num momento-chave, singular, de verificação, de validação ou refutação de uma hipótese de projecto (quase com o valor de uma maquete que se vê concluída para de imediato se ver ultrapassada), porque o desenho tem de comportar, sobretudo, a capacidade de nos fazer ver as ideias, de as transmitir para a folha de papel, para que a seguir, a partir da nossa acção crítica sobre o que pensámos, esse mesmo desenho possa interpelar-nos e sugerir-nos novas hipóteses espaciais e formais.

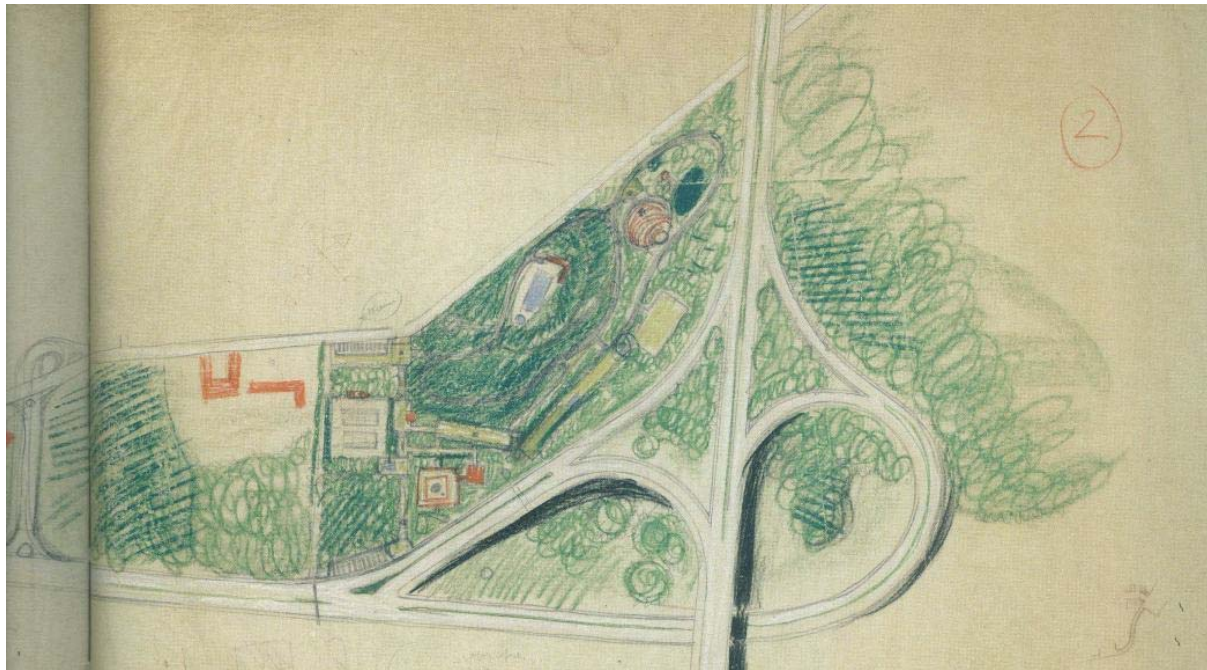
Por vezes, quando a procura se realiza numa âmbito de maior detalhe, o desenho ganha contornos mais “nítidos”, mais particularizados, (como pode ser exemplificado, sem exclusividade, pelo desenho para o quarto da reabilitação do Mosteiro de Santa Maria do Bouro, de Souto de Moura). Mas, essencialmente, o conjunto de desenhos que aqui se mostram, segundo abordagens diversas, até nos modos de entendimento e visualização do espaço, relaciona-se com o título deste documento. É certo que não esgota de todo o assunto: pretende-se tão somente abrir novas perspectivas sobre o tema O desenho enquanto ideia é o desenho que mais do que traduzir a ideia, é em si mesmo a formulação da ideia. Para isso, é rápido e contém o essencial do que é necessário representar, para que a ideia se mostre clara e com eficácia.



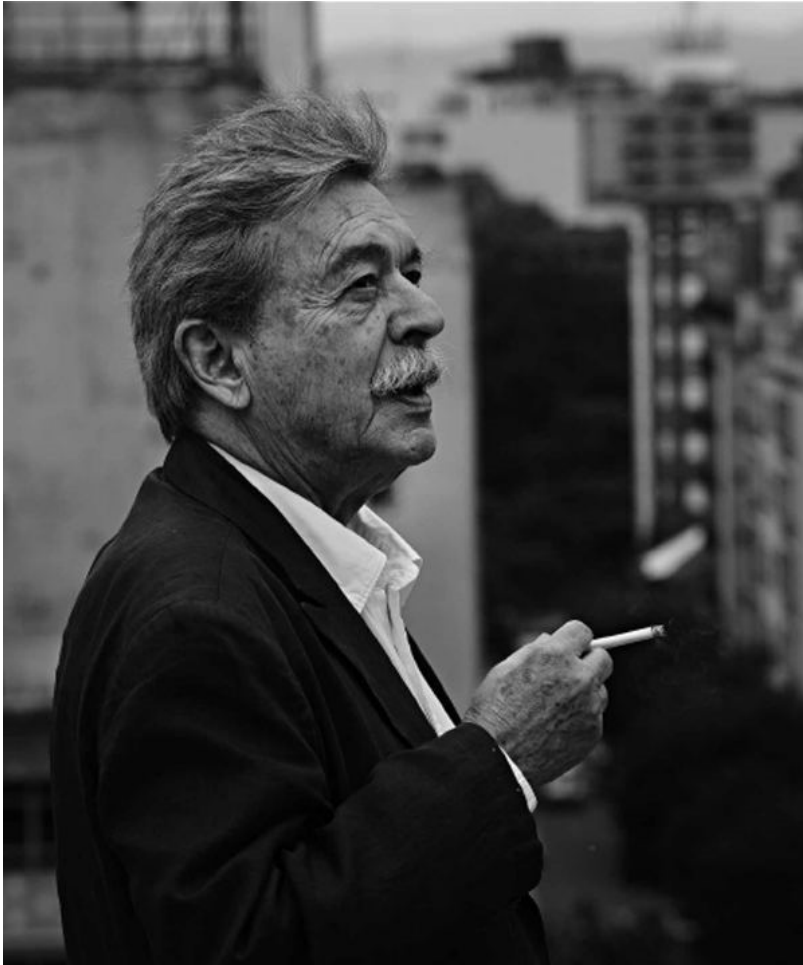
Fernando Távora, Porto, Portugal, 1923 - 2005



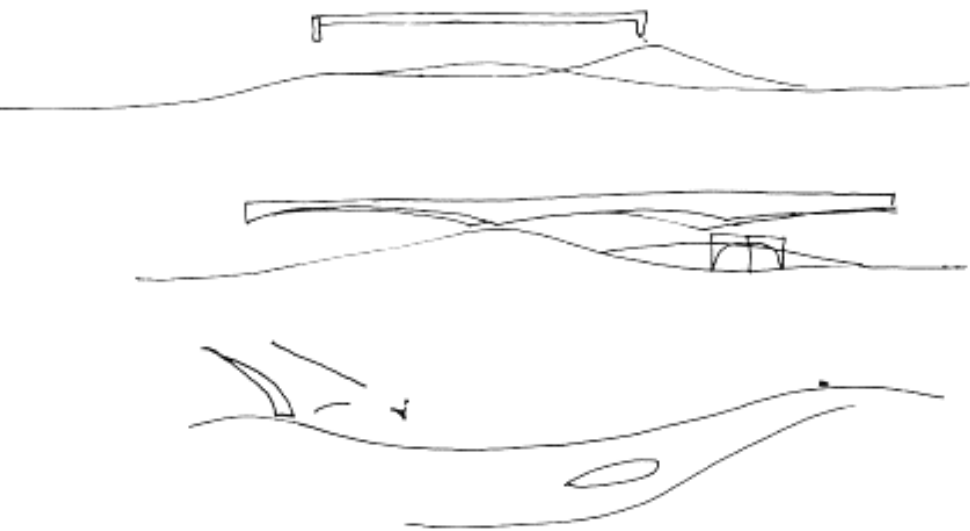
Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição, Leça da Palmeira, Fernando Távora, 1956-1960



Quinta da Conceição Leça da Palmeira, Fernando Távora, 1956-1960



Paulo Mendes da Rocha, Vitória, Brasil, 1928



Pavilhão do Brasil na Expo'70, Osaka, Paulo Mendes da Rocha, 1970



Álvaro Siza, Matosinhos, Portugal, 1933



Faup, Porto, Álvaro Siza, 1986-1996

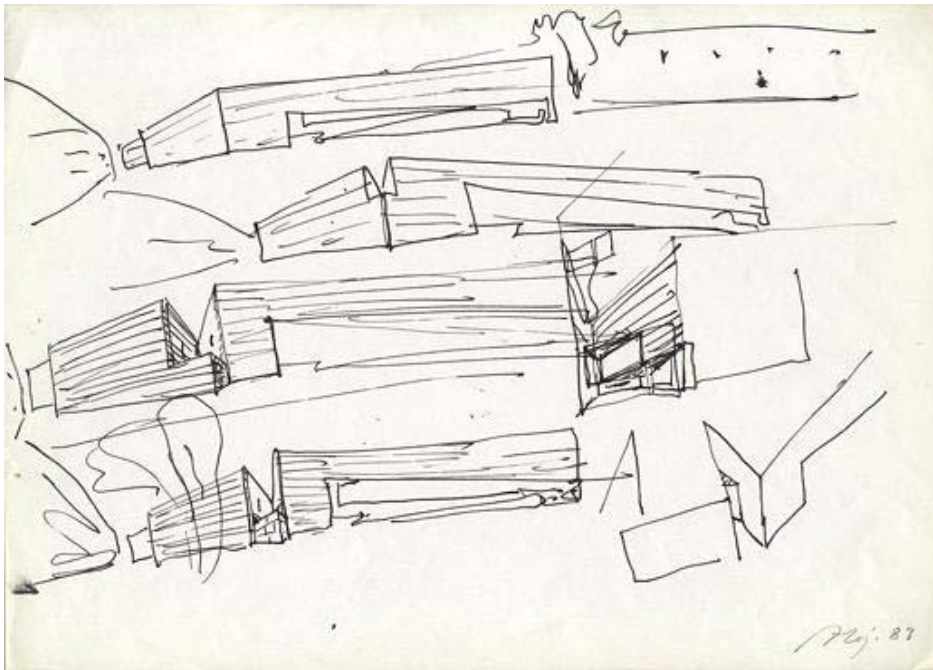
“O desenho é uma forma de comunicação, com o eu e com os outros. Para o arquitecto, é também, entre muitos, um instrumento de trabalho; uma forma de aprender, compreender, comunicar, transformar: de projecto.

Outros instrumentos poderá utilizar o arquitecto; mas nenhum substituirá o desenho sem algum prejuízo, nem ele o que a outros cabe.

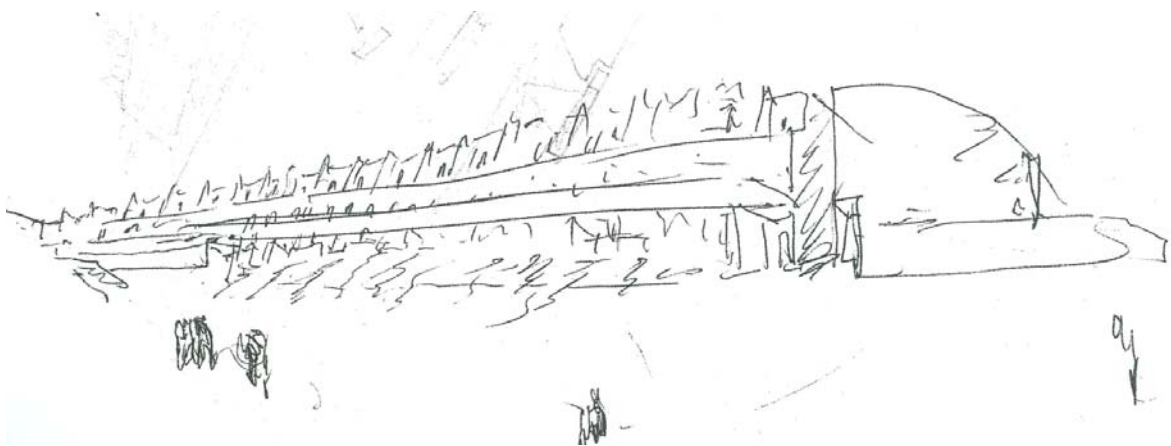
A procura do espaço organizado, o calculado cerco do que existe e do que é desejo, passam pelas intuições que o desenho subitamente introduz nas mais lógicas e participadas construções; alimentando-as e delas se alimentando.

Todos os gestos – também o gesto de desenhar – estão carregados de história, de inconsciente memória, de incalculável, anónima sabedoria.”

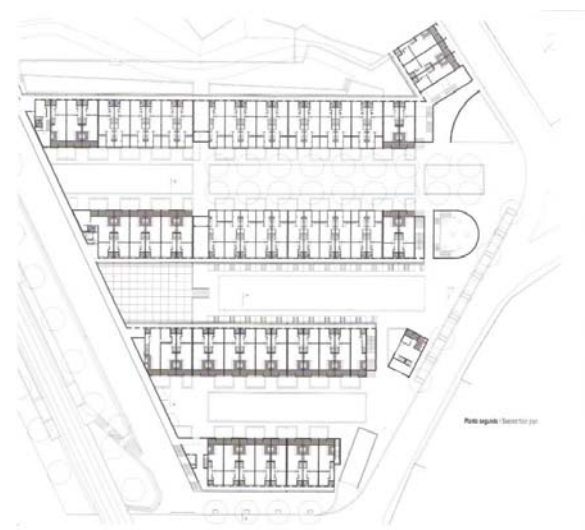
Álvaro Siza, A Importância de Desenhar. In *Carlos Campos Morais (ed.), 01 Textos*. Porto: Civilização Editora, 2009, p. 37-38..



Centro Galego de Arte Contemporânea, Santiago de Compostela, Álvaro Siza, 1988-2003

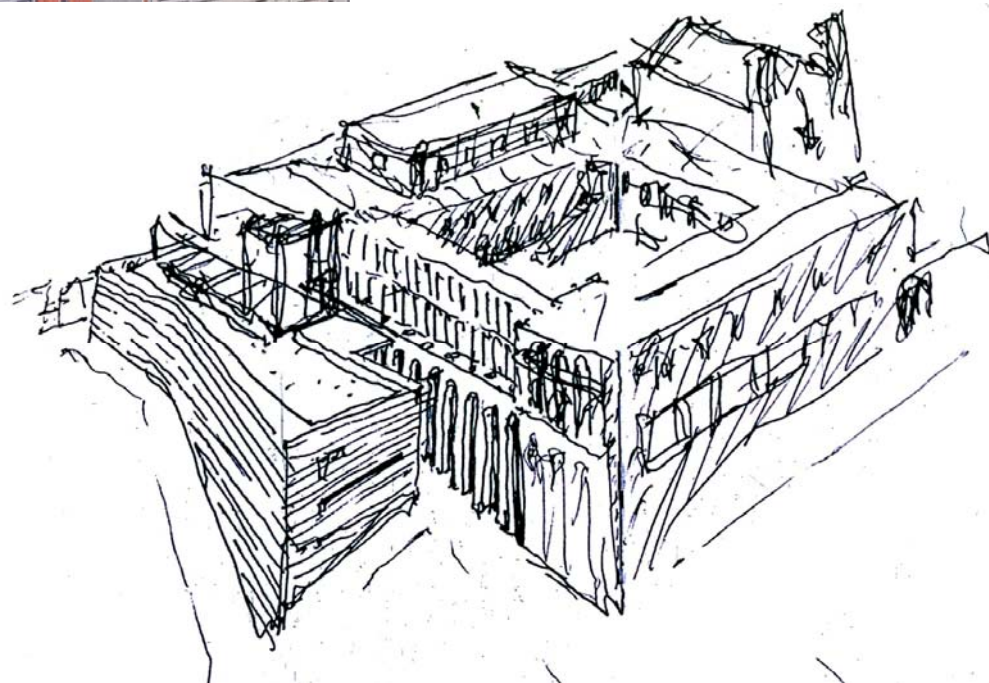


Conjunto Residencial Bouça SAAL, Porto, Álvaro Siza, 1973-1977- 2004-2006





Gonçalo Byrne, Alcobaça, Portugal, 1941

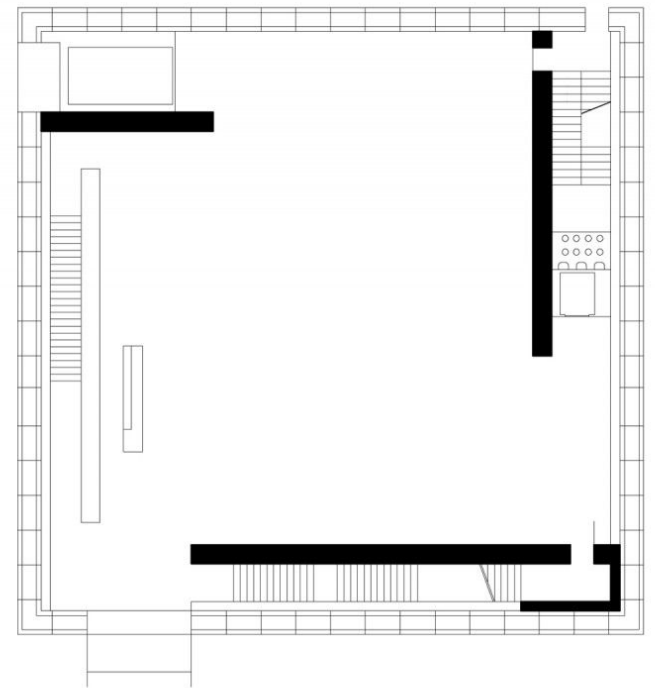


Remodelação e Ampliação do Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra, Gonçalo Byrne, 2013

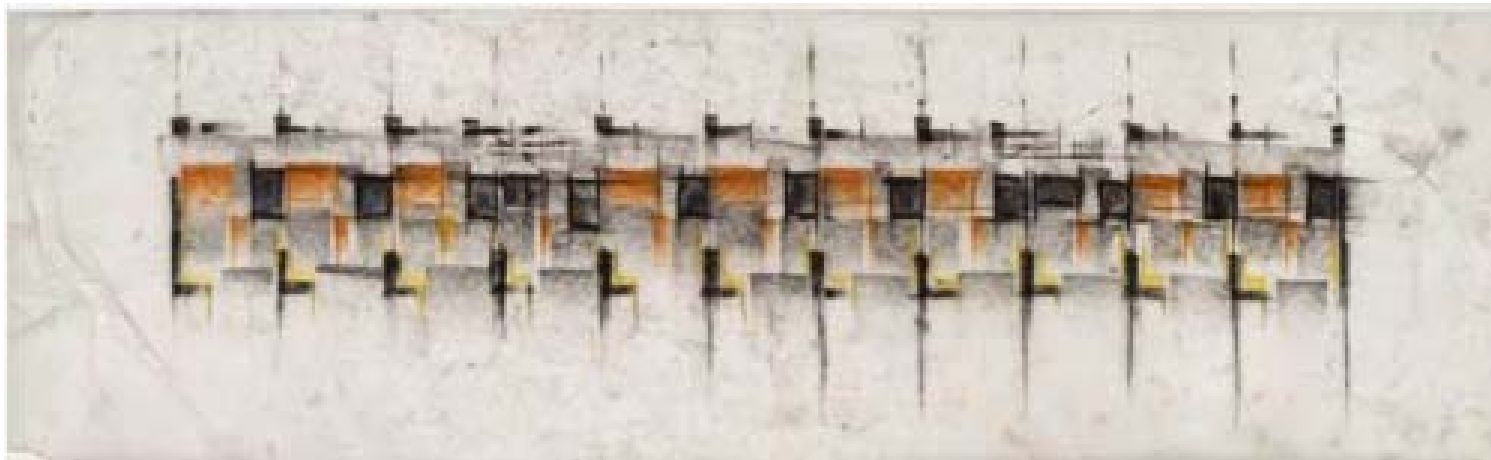
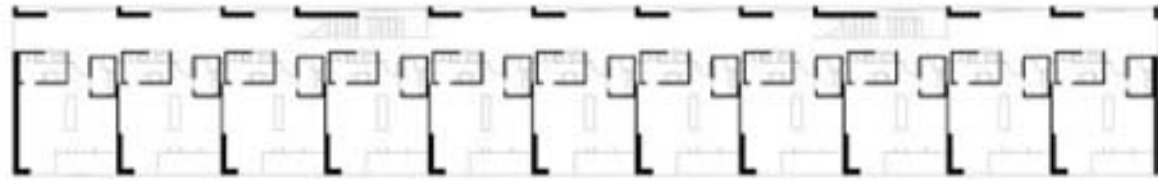




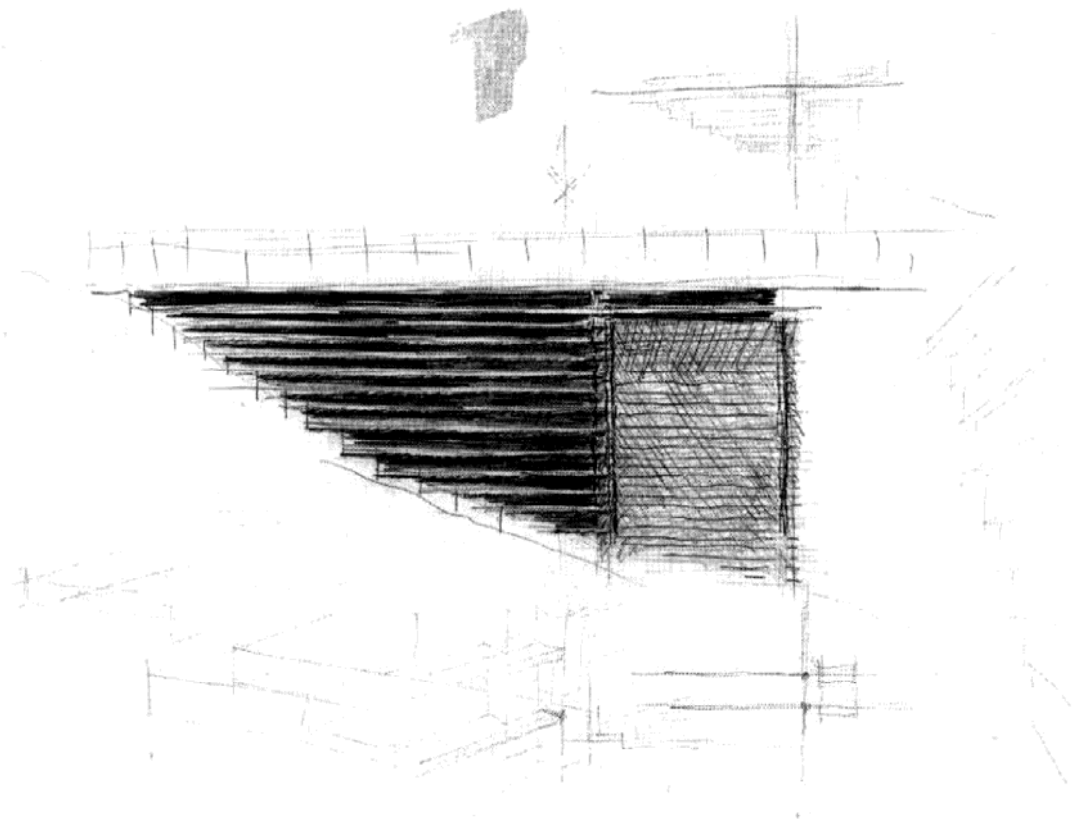
Peter Zumthor, Basileia, Suiça, 1943



Kunsthhaus, Bregenz, Peter Zumthor, 1997



Homes for Senior Citizens, Chur, Peter Zumthor, 1989-1993



Guglalun House, Versam, Peter Zumthor, 1990-1994



Eduardo Souto de Moura, Porto, Portugal, 1952

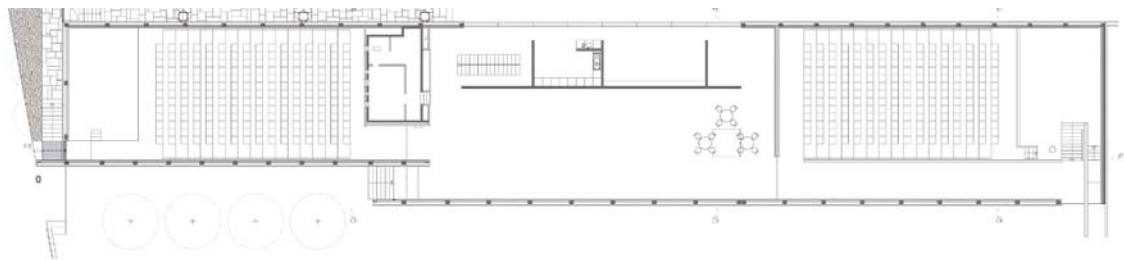


Torre Burgo, Porto, Eduardo Souto de Moura, 1991-2007

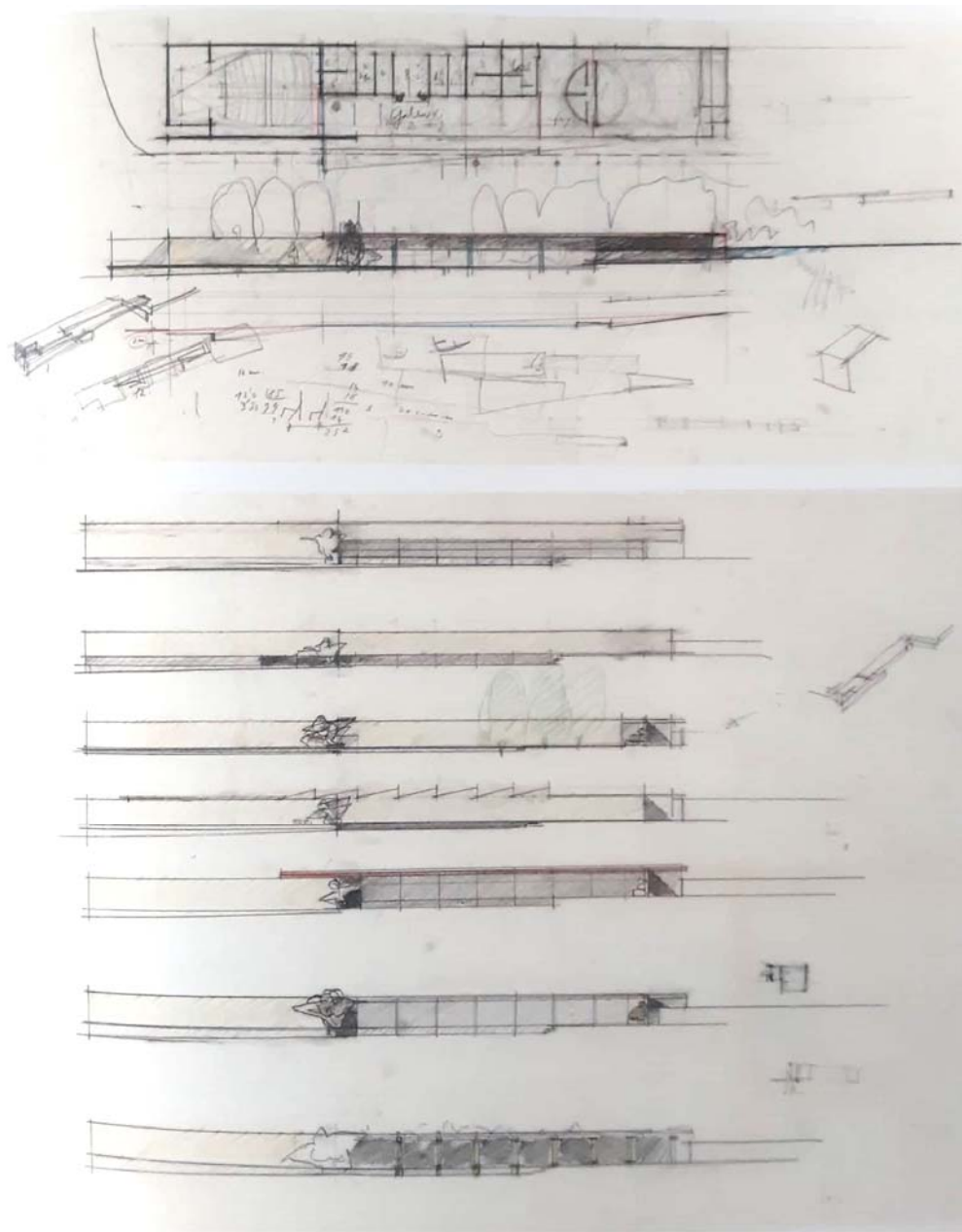
“(…) quando [Souto de Moura] se propõe definir esses primeiros esboços que faz de um projecto, chama-lhes “flashes visuais”, expressão que foi buscar a Herberto Helder, de quem é um apaixonado leitor, e explica que estas imagens, ou iluminações, lhe “chegam por intuição”.

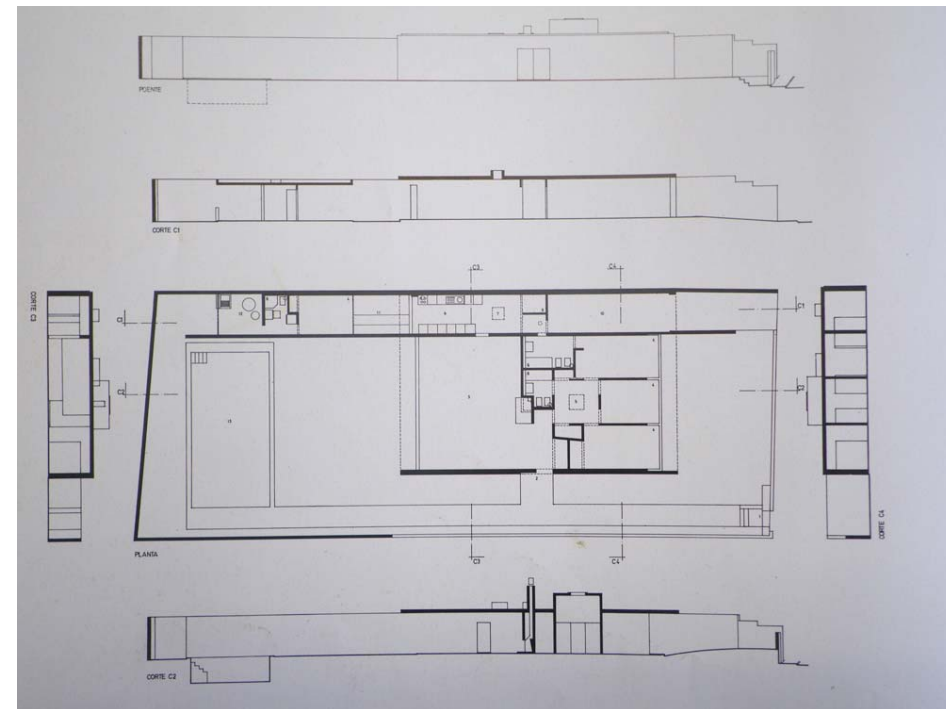
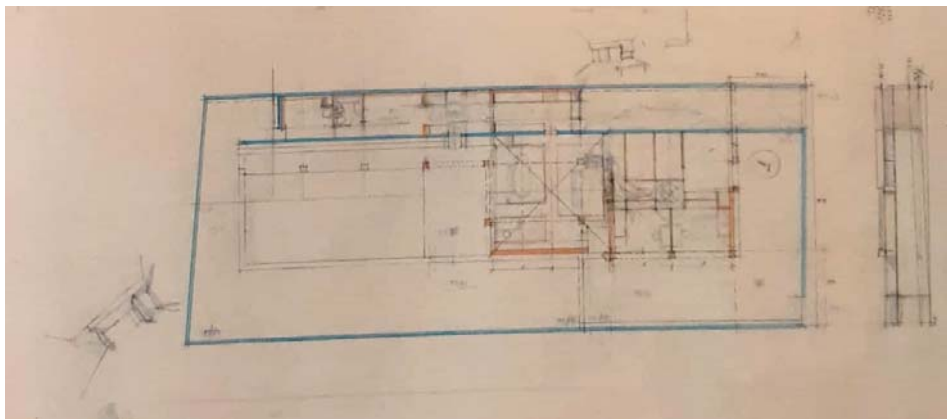
“Quando comecei a trabalhar com ele [Álvaro Siza], sempre que lhe dizia que queria fazer isto ou aquilo de determinada maneira, ele mandava-me desenhar, queria que eu mostrasse, visualmente, a solução que estava a sugerir.”

in “Souto de Moura: ‘Faço croquis para me convencer de que o projecto é bom’ “, Jornal Público, 21 de Novembro de 2012

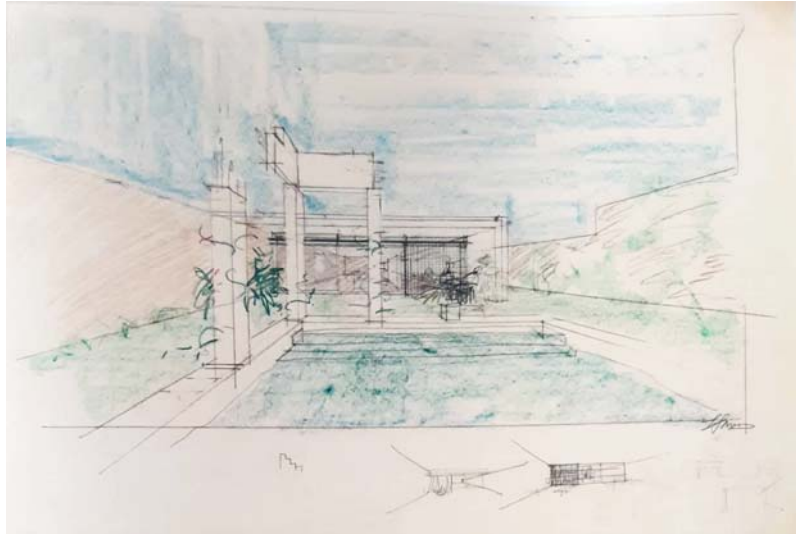


Casa das Artes, Porto, Eduardo Souto de Moura, 1981-1991

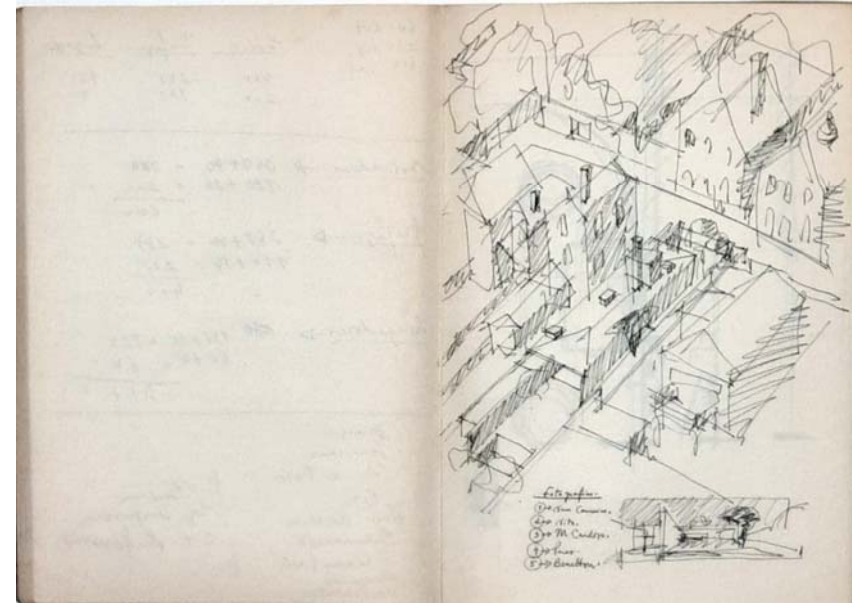
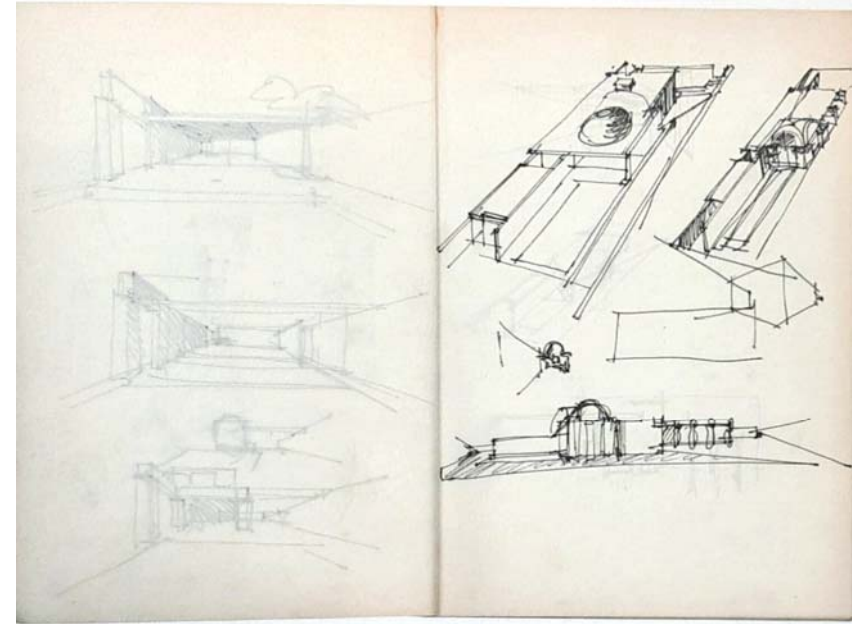


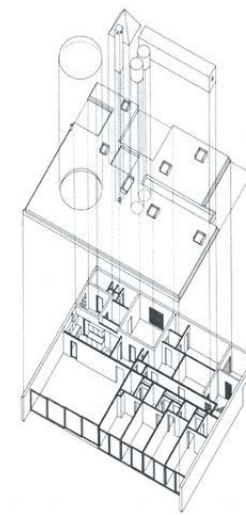
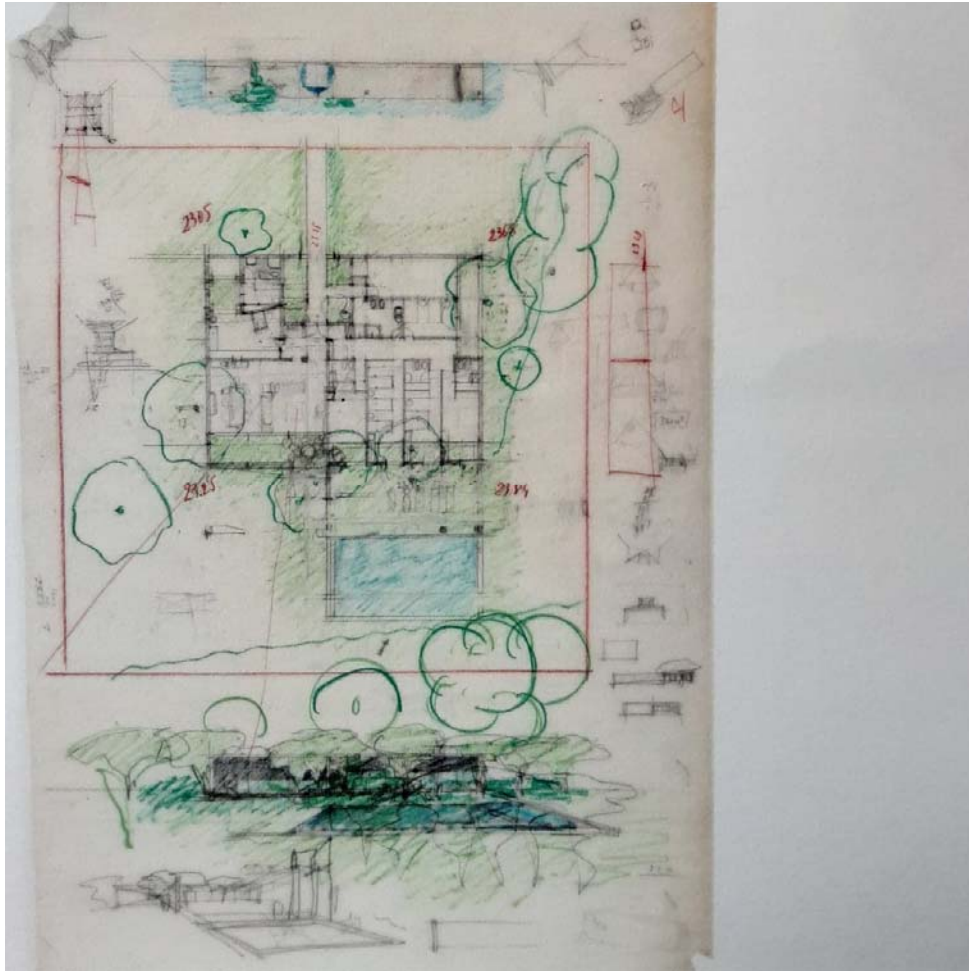


Casa 1 em Nevogilde, Porto, Eduardo Souto de Moura, 1981-1991

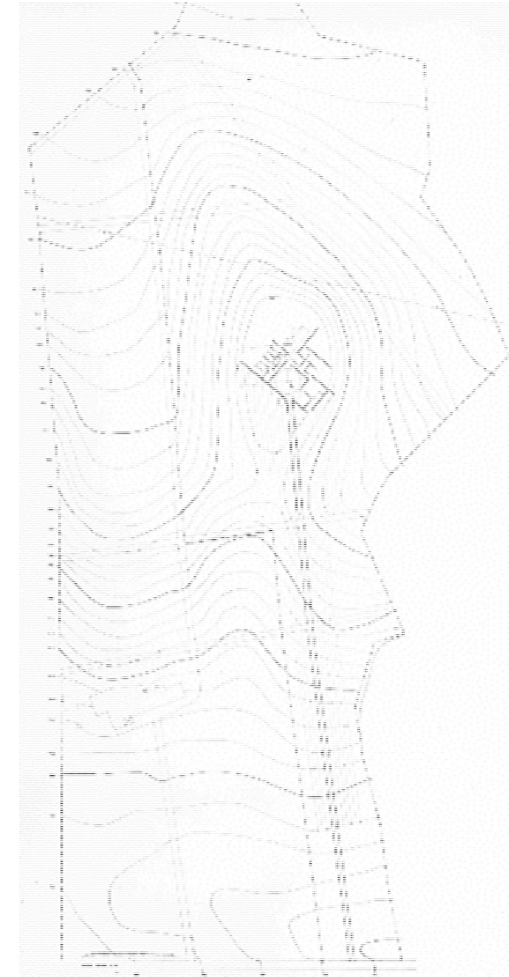
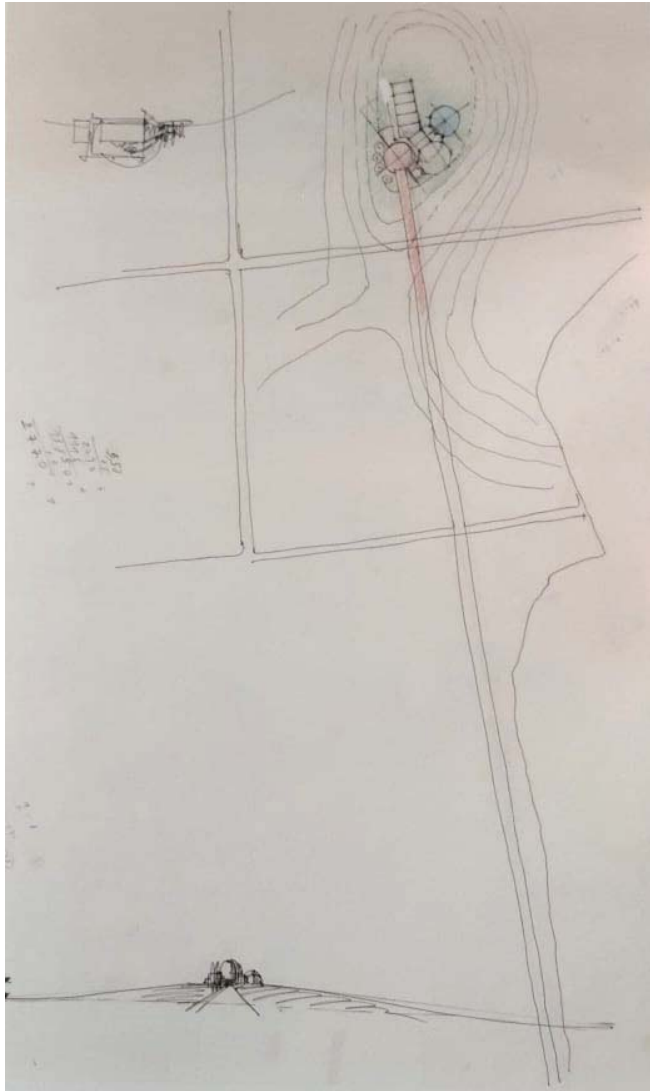


Casa 1 em Nevogilde, Porto, Eduardo Souto de Moura, 1981-1991

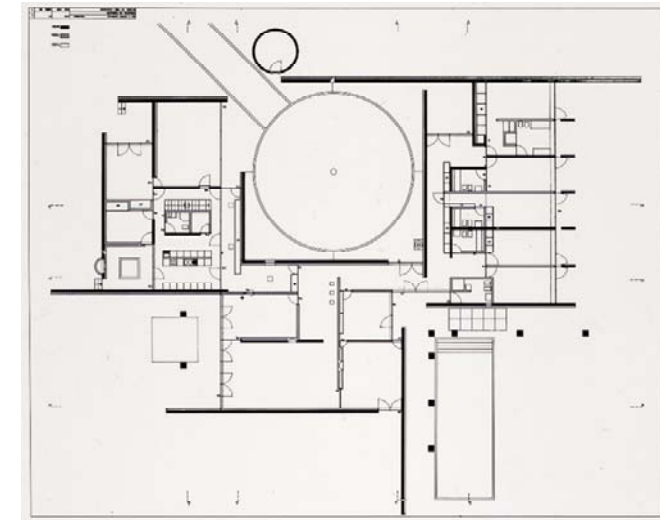
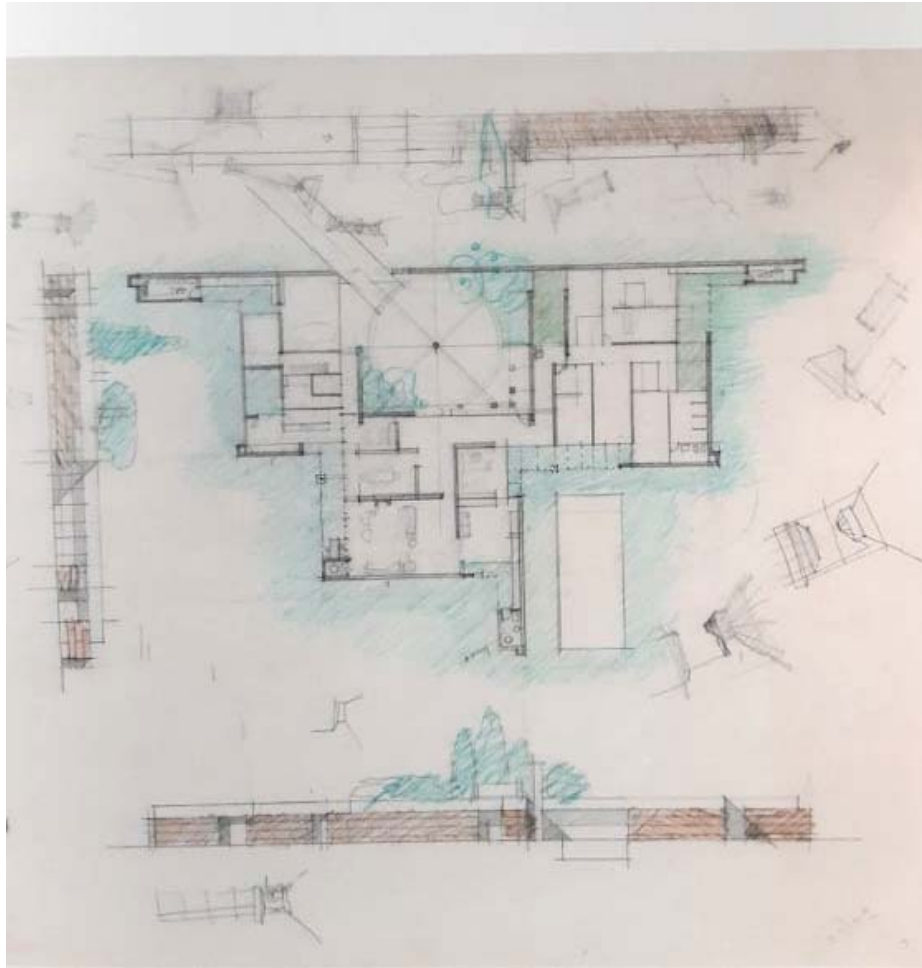




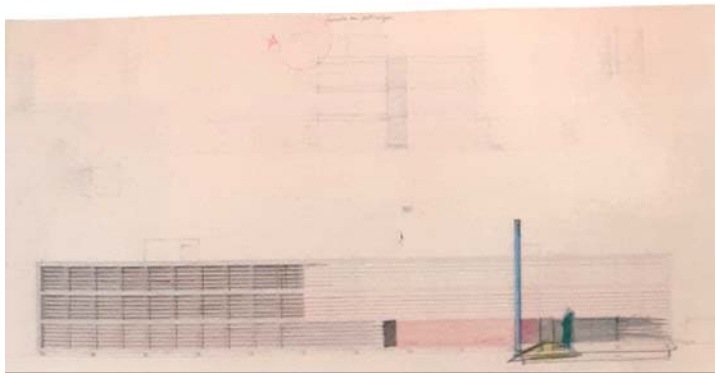
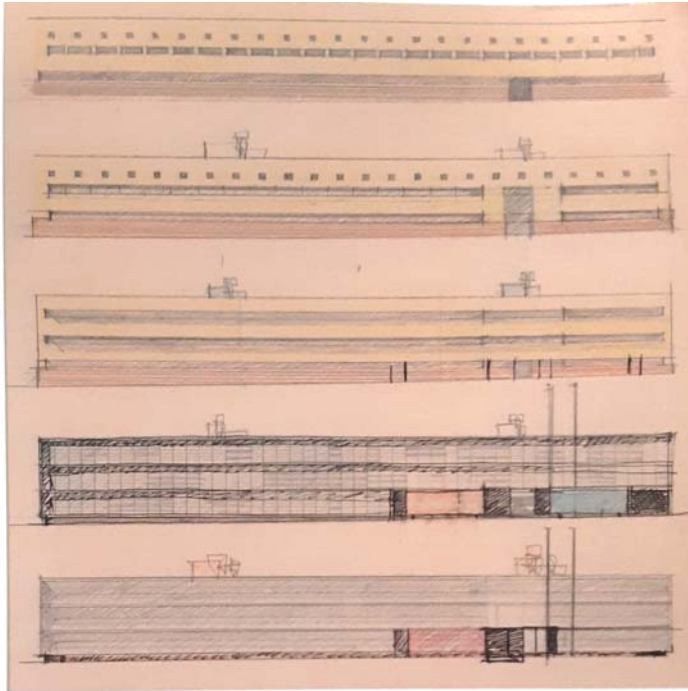
Casa na Quinta do Lago, Almancil, Eduardo Souto de Moura, 1984-2018



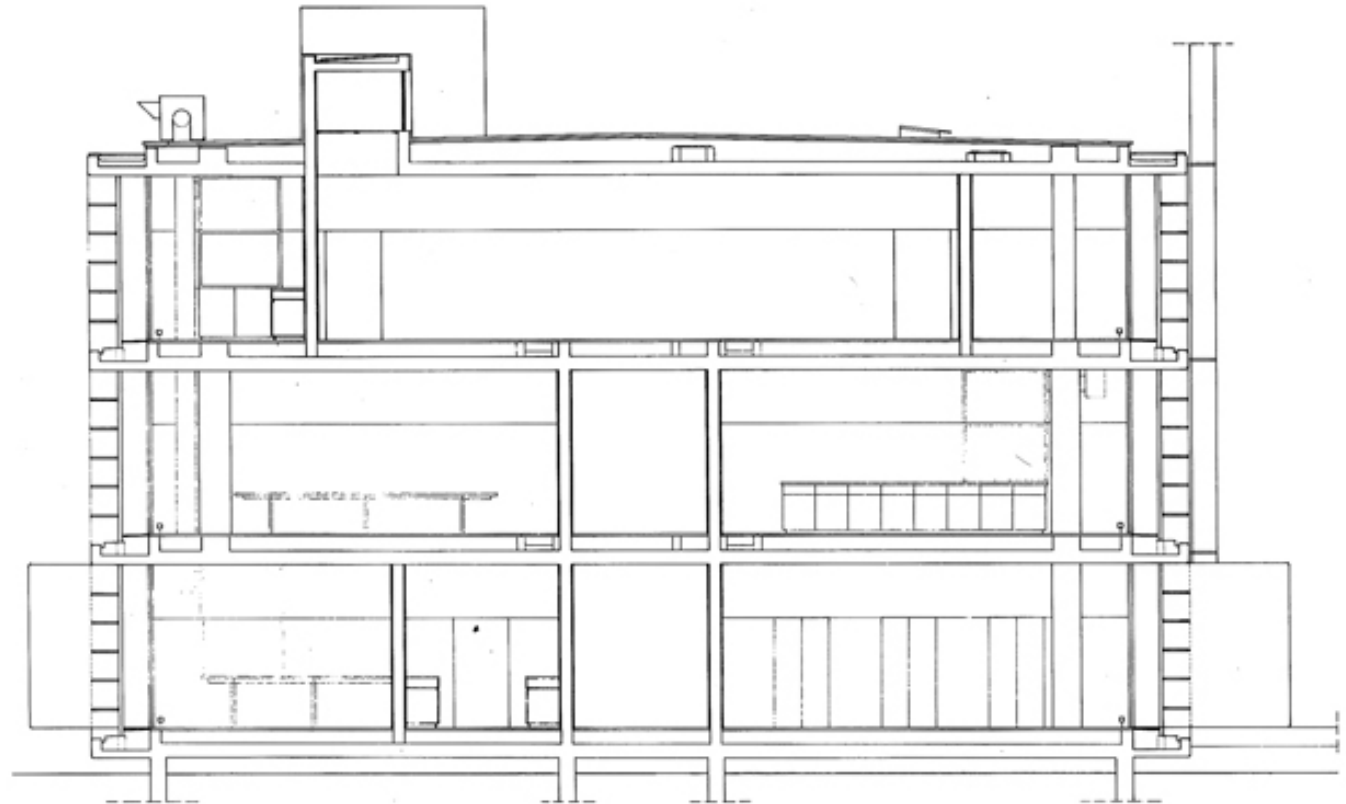
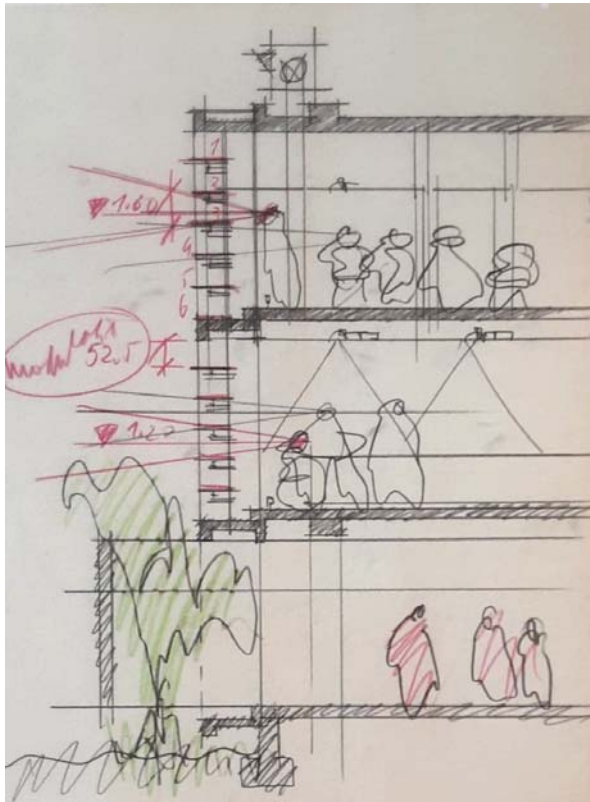
Casa em Alcanena, Torres Novas, Eduardo Souto de Moura, 1987-1992



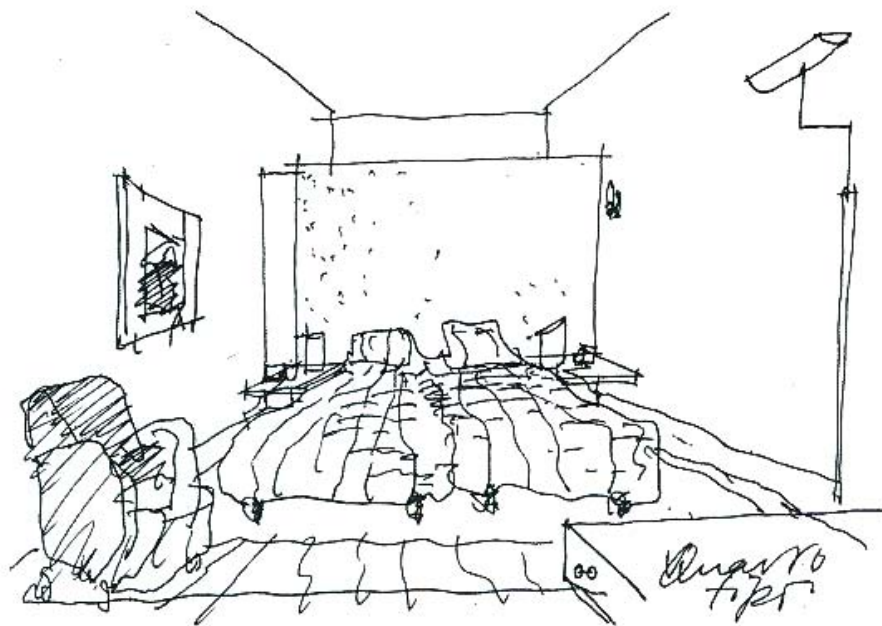
Casa em Alcanena, Torres Novas, Eduardo Souto de Moura, 1987-1992



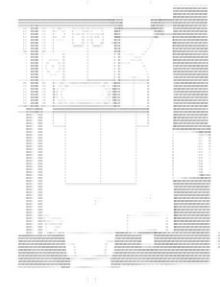
Departamento de Geociências da Universidade de Aveiro, Aveiro, Eduardo Souto de Moura, 1989-1994

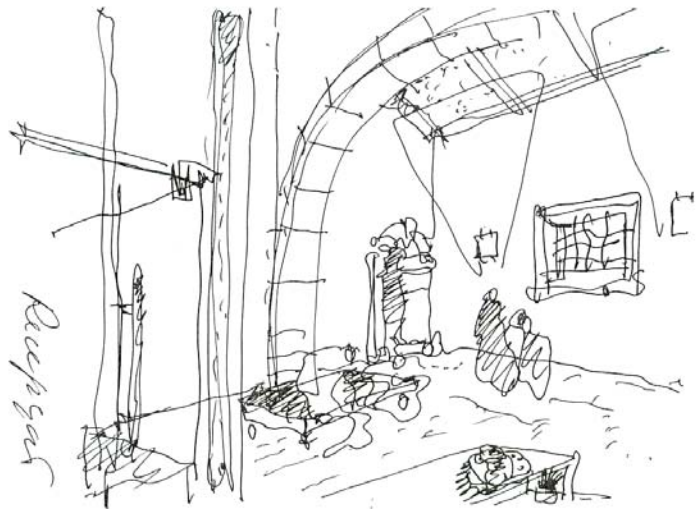


Departamento de Geociências da Universidade de Aveiro, Aveiro, Eduardo Souto de Moura, 1989-1994

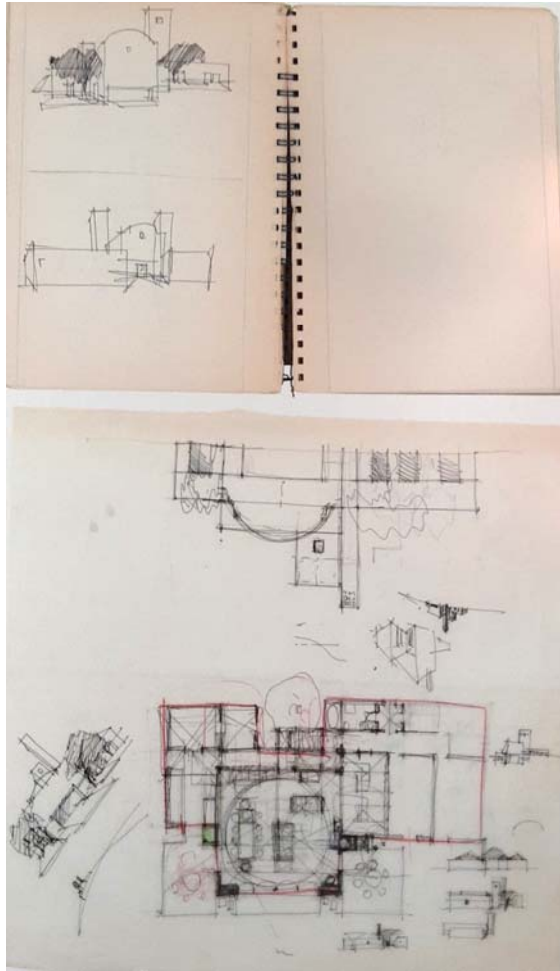


Reabilitação do Mosteiro de Santa Maria do Bouro, Amares, Eduardo Souto de Moura, 1989-1997

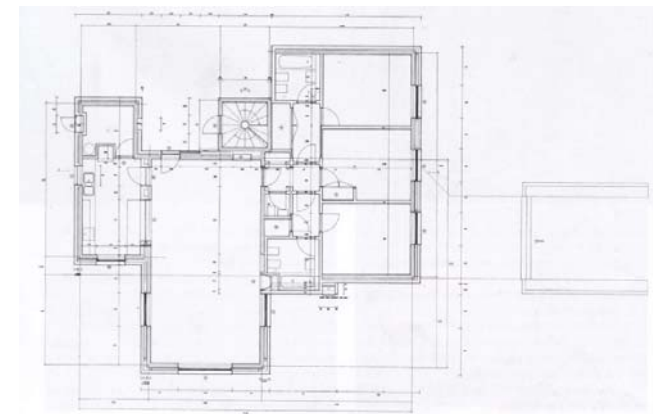




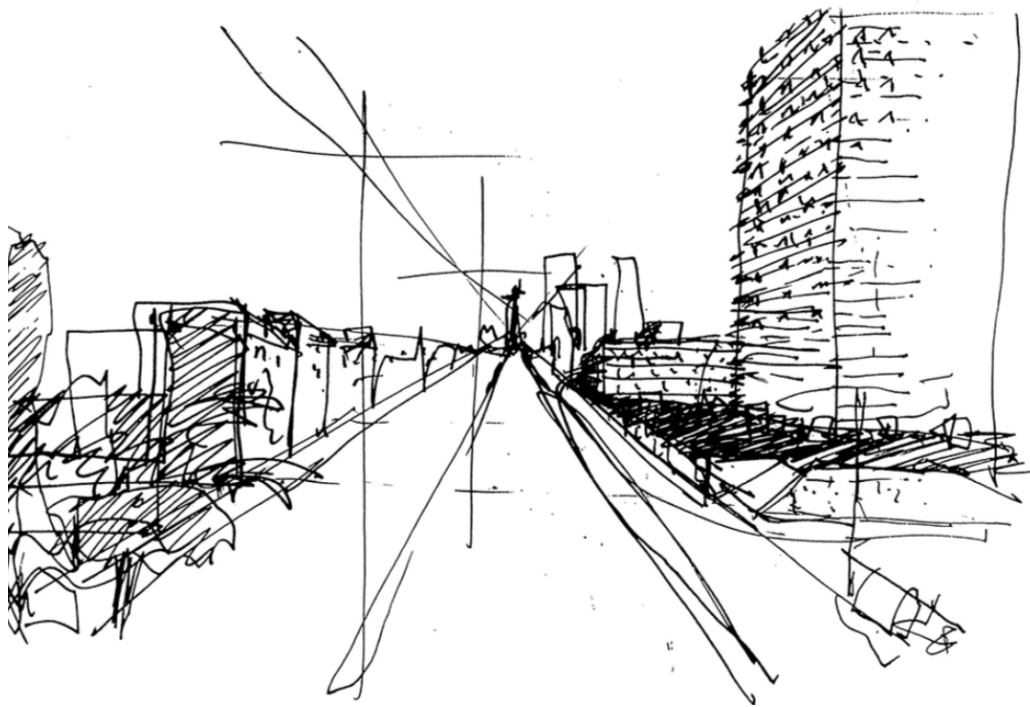
Reabilitação do Mosteiro de Santa Maria do Bouro, Amares, Eduardo Souto de Moura, 1989-1997



Casa em Tavira, Luz de Tavira, Eduardo Souto de Moura, 1991-1995

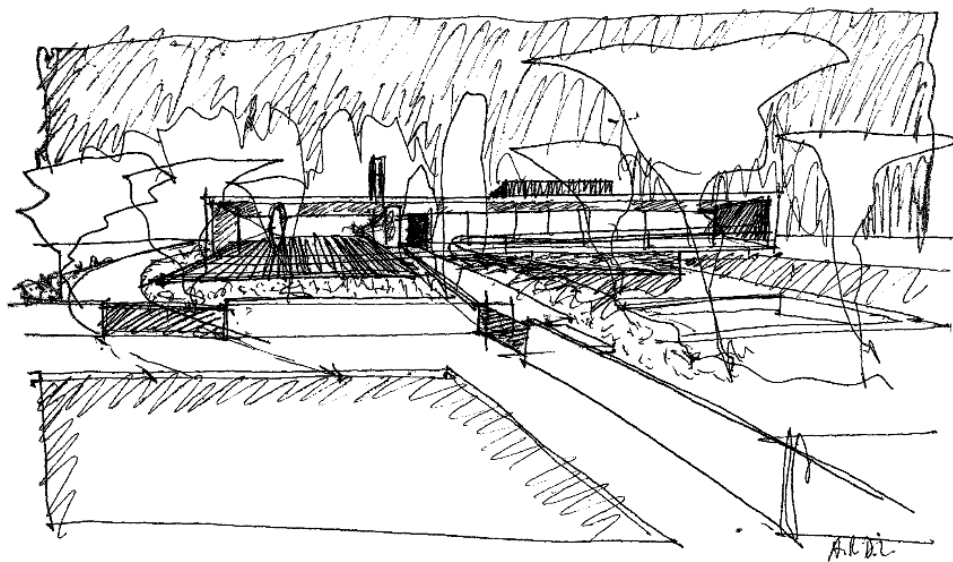


Casa em Tavira, Luz de Tavira, Eduardo Souto de Moura, 1991-1995



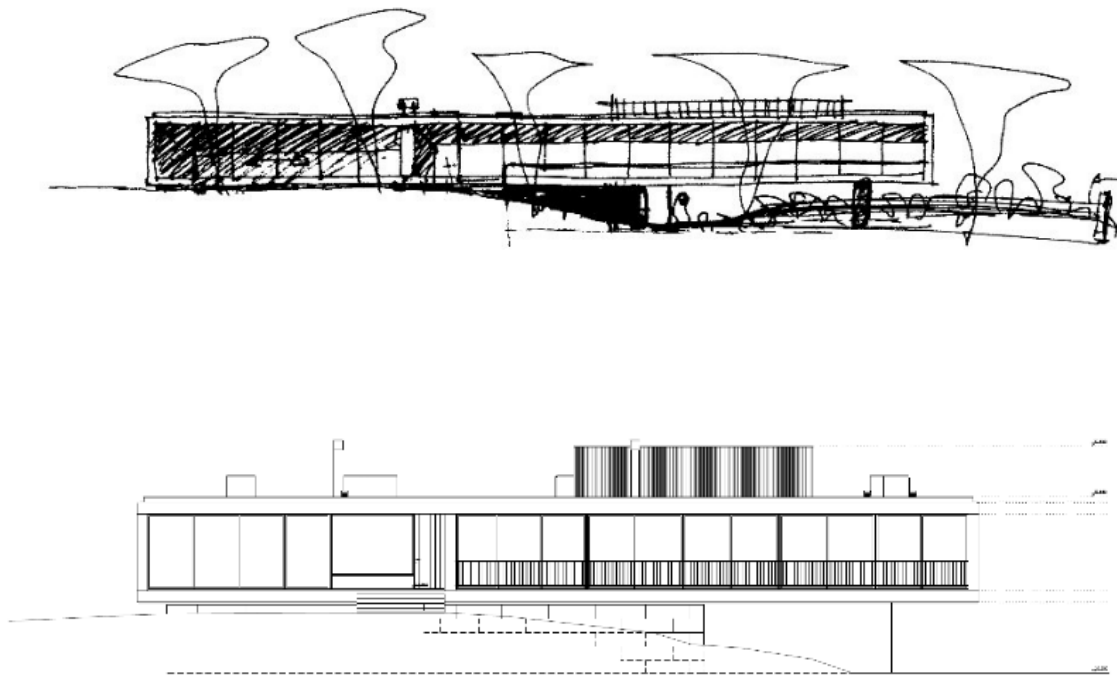
Edifício Burgo, Porto, Eduardo Souto de Moura, 1991-2007



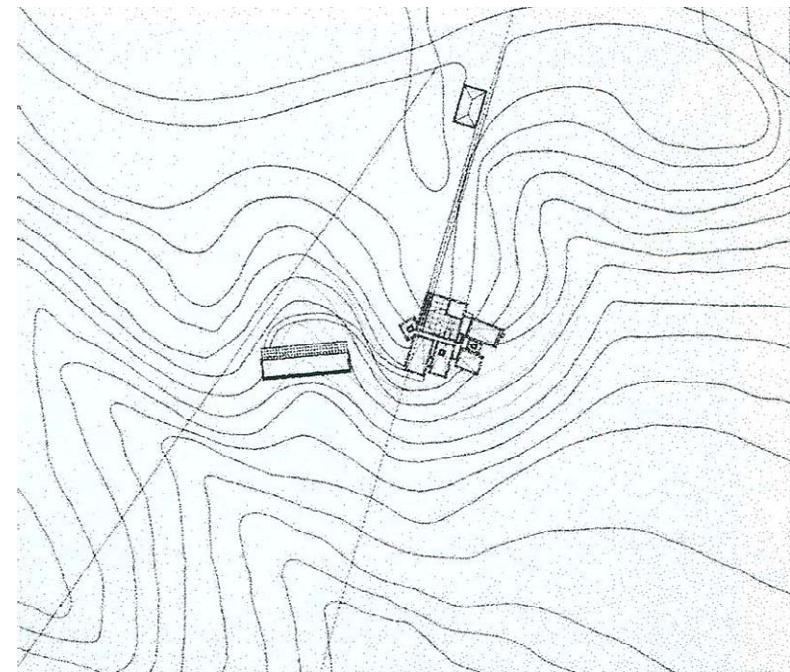
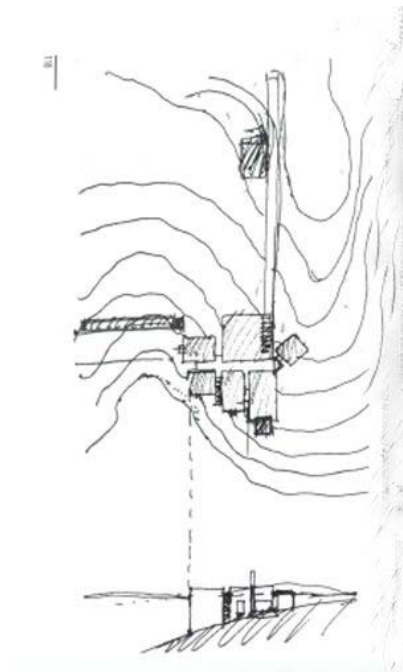


Casa em Cascais, Cascais, Eduardo Souto de Moura, 1994-2002

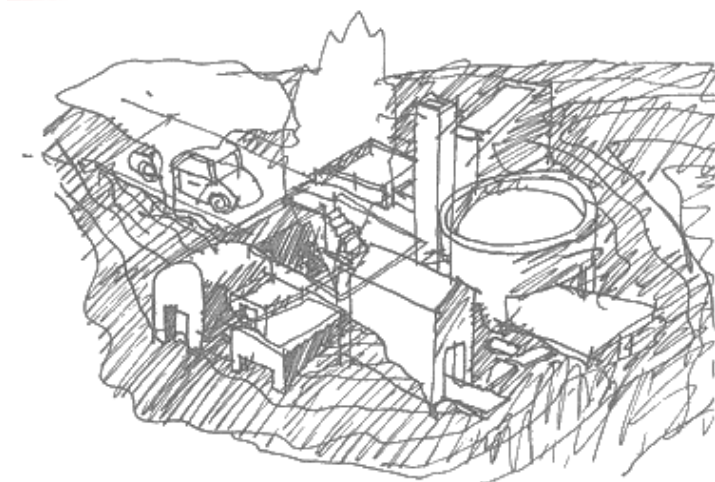
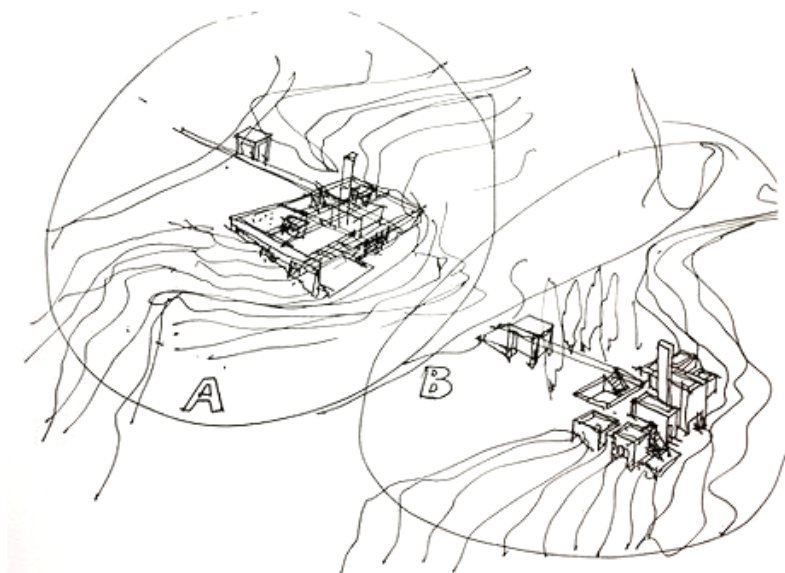




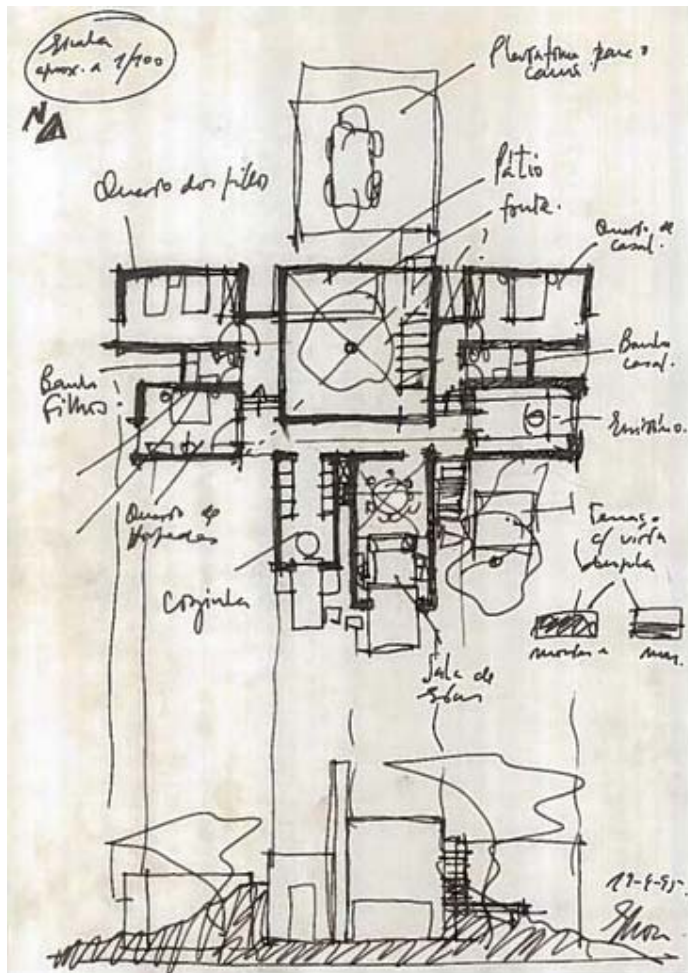
Casa em Cascais, Cascais, Eduardo Souto de Moura, 1994-2002



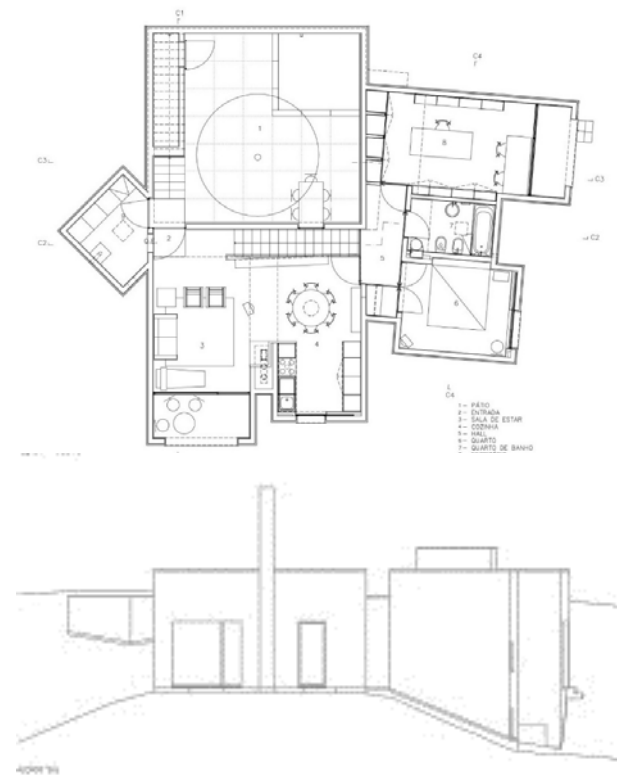
Casa na Serra da Arrábida, Braga, Eduardo Souto de Moura, 1994-2002

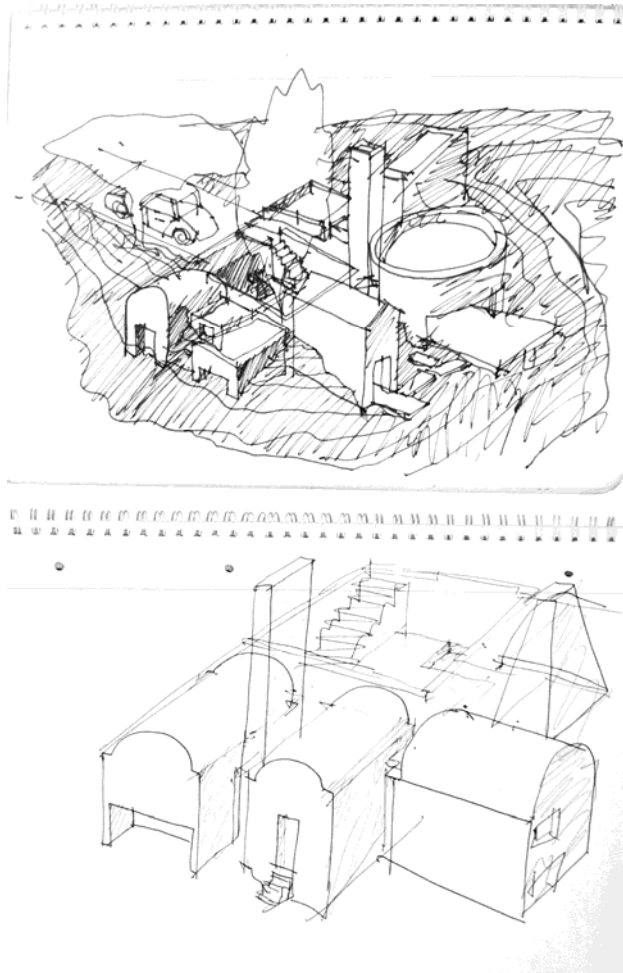


Casa na Serra da Arrábida, Braga, Eduardo Souto de Moura, 1994-2002

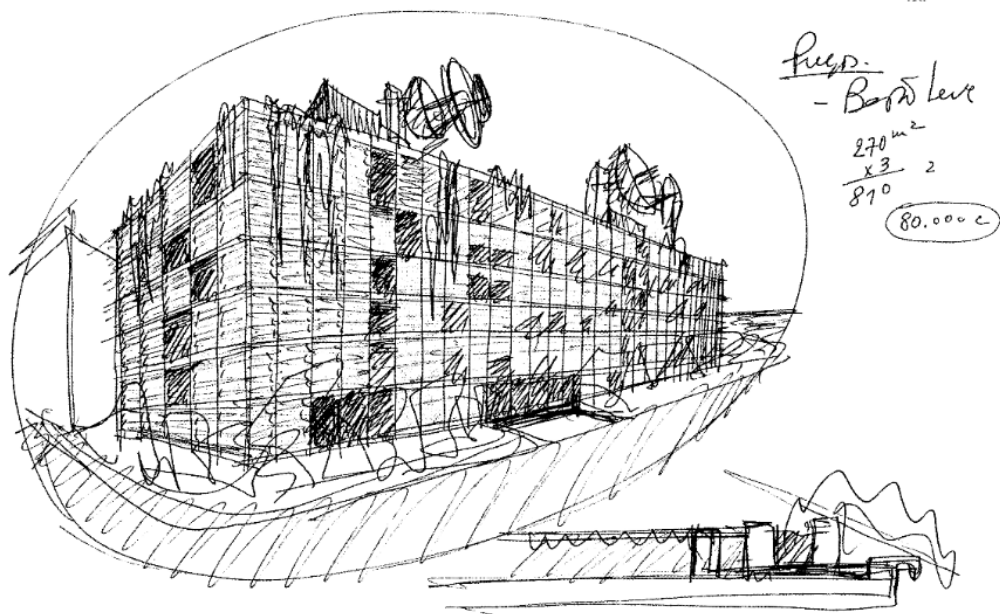


Casa na Serra da Arrábida, Braga, Eduardo Souto de Moura, 1994-2002

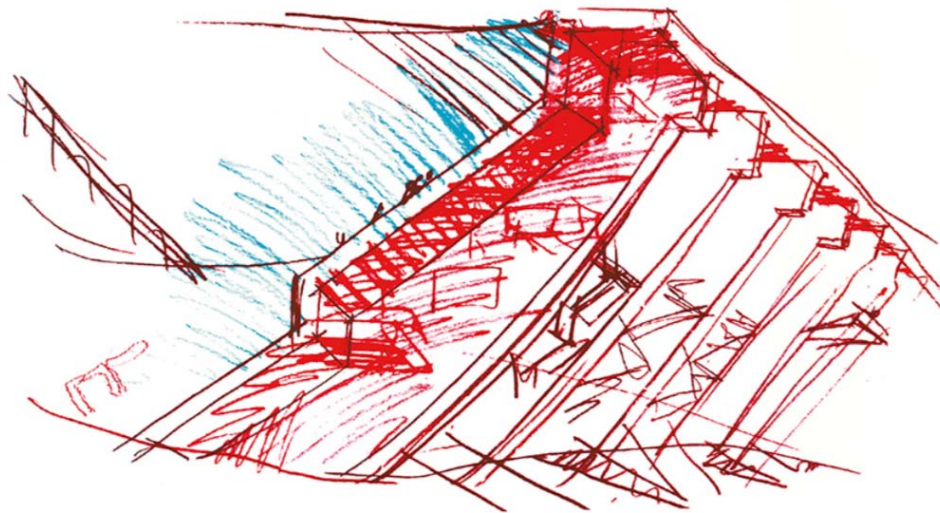




Casa na Serra da Arrábida, Braga, Eduardo Souto de Moura, 1994-2002



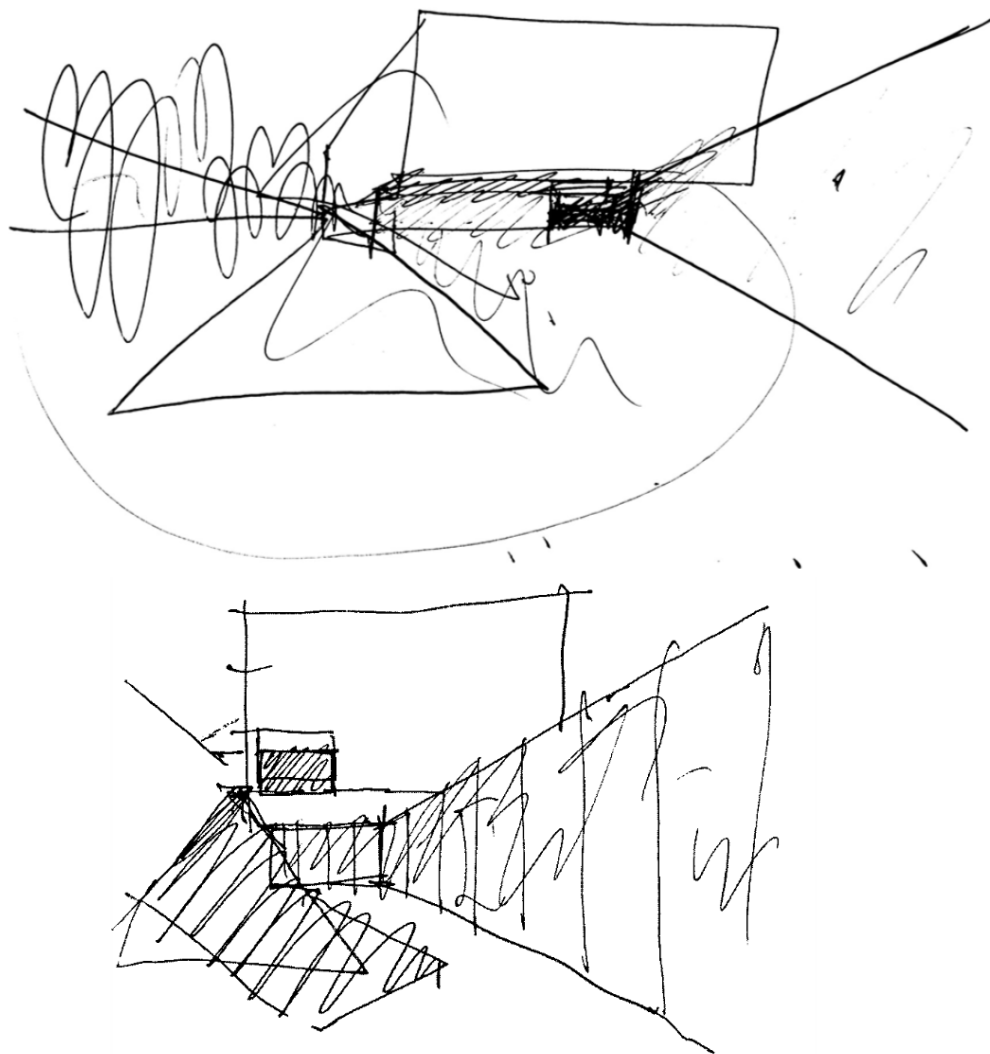
Edifício de Apartamentos, Maia, Eduardo Souto de Moura, 1997-2001



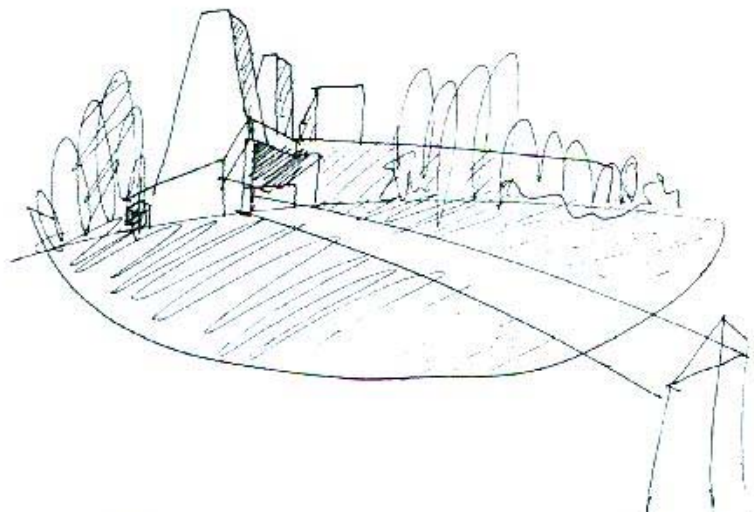
EST.



Estádio Municipal de Braga, Braga, Eduardo Souto de Moura, 2000-2003



Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, Bragança, Eduardo Souto de Moura, 2002-2008

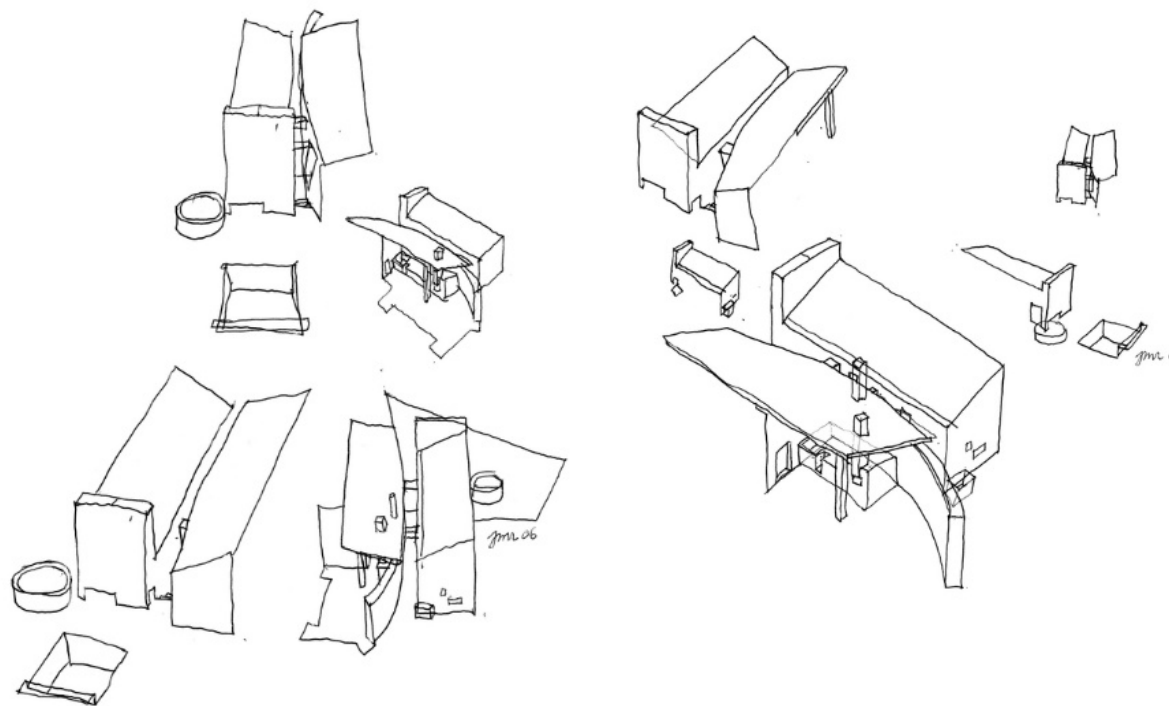


Casa das Histórias Paula Rego, Cascais, Eduardo Souto de Moura, 2005-2009





João Mendes Ribeiro, Coimbra, Canadá, 1960



Casa na Chamusca da Beira, Oliveira do Hospital, João Mendes Ribeiro, 2006

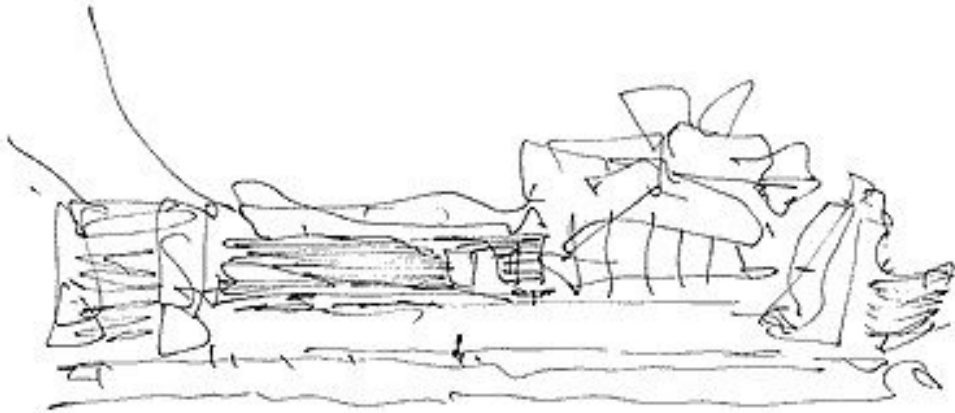




Frank Gehry, Toronto, Canadá, 1929

“The key to Frank O. Gehry’s architecture is in his drawings. A Gehry building begins with a sketch, and Gehry’s sketches are distinctive. They’re characterized by a sense of off-hand improvisation, of intuitive spontaneity. The fine line is invariably fluid, impulsive.”

in <https://arcspace.com/studio/frank-o-gehry-sketches/>



M. Gehry, Bilbao, 1997



Museu Guggenheim, Bilbao, Frank Gehry, 1997